

# ROSTIDADE EM SOLO

## *FACIALITY IN SOLO*

Angelica Vier Munhoz<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca analisar a obra *Self-Unfinished* de Xavier Le Roy, a partir do conceito de rostidade de Gilles Deleuze. Em *Le Roy*, o corpo é um campo de experimentação. Rosto e corpo são desconstruídos e arrastados para uma região a-significante que nos provoca a pensar: como escapar do traço, da inscrição, da rostidade que remete a uma redundância significativa? Como escapar das instituições que nos rostificam?

**Palavras-chave:** Rostidade. Corpo. Xavier Le Roy.

**ABSTRACT:** This paper aims at analyzing Xavier Le Roy's work from the perspective of Gilles Deleuze's concept of faciality. For *Le Roy*, the body is a field of experiment. Face and body are deconstructed and dragged to a nonsignificant region that makes us think: how to escape from the feature, the inscription, the faciality that drives to a significant redundancy? How to escape from the institutions that facialize us?

**Keywords:** Faciality. Body. Xavier Le Roy.



*Self-Unfinished*, Xavier Le Roy, 2001. Photos Katrin Schoof.

Xavier Le Roy<sup>2</sup> inicia a cena deslocando alguns de seus membros e fazendo ruídos vocais como que o de um movimento que vai decompondo partes de seu corpo. Cada movimento é acompanhado de uma onomatopeia mecanicista. Nada de surpreendente. Um corpo robótico que nos faz lembrar os avanços da ciência. Mas sem mudar de cena, o performer para de se mover como um robô e com a menor transição volta a ficar humano. Inicia a segunda seção e o corpo nu de Xavier Le Roy metamorfoseia-se incessantemente, produzindo formas não-humanas, estranhas e assustadoras. Corpos-monstro, rostos-monstro que nos levam a perceber que não conhecemos tão bem os contornos do corpo. Última seção e o ator fica deitado por um longo tempo horizontalmente em frente à parede do fundo do palco, como um rodapé, fundido à parede e ao chão. Nessa posição imóvel, seu rosto perde a humanidade, a identidade, a centrali-

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFRGS com bolsa sanduíche no Departamento de Arte, Filosofia e Estética da Université Paris 8 - Paris/FR; Professora do Centro de Ciências Humanas e Jurídicas do Centro Universitário UNIVATES/RS/BRA

<sup>2</sup> Xavier Le Roy nasceu em 1963 e estudou biologia molecular na Universidade de Montpellier, França. Trabalha como artista e coreógrafo desde 1991.

dade. O corpo de Xavier Le Roy não se movimentamais, confunde-se com as moléculas do ar, com o espaço. Resta um corpo apenas como produção de pensamento, um corpo abandonado, livre, dissipado. E nada mais acontece no espetáculo.

As proposições de Xavier Le Roy nos levam a perceber as múltiplas formas de si e de sua não delimitação. Vemos a dispersão de um corpo que se encontra nas fronteiras entre a aparição e o desaparecimento. Nesse plano, não há representação do rosto e o rosto nada revela. A verdade de sua aparência é um enigma, um exílio. Sua substância acontece fora de si, no espaço que há entre a força que o move e o mundo que o acolhe. Sua imagem não é a revelação de uma realidade, mas de uma sombra, de algo que é inteiramente vivo e, no entanto, não orgânico. Algo que nos força a pensar. Este algo nos arremessa de encontro a realidades em que muitos olhares se atravessam e que só pode ser apreendido a partir de uma perspectiva da sensação, em voos que o olhar mergulha no diverso e nele se perde, sob os signos da paixão ou da morte. Cada imagem perdida, cada gesto já é outro, como se o seu corpo estivesse mergulhado em um contínuo jogo de simulacros onde a origem, a verdade, a matriz, há muito se apagou. Um corpo estendido no deserto, em uma paisagem atravessada de sensações, de intensidades, de morticidade. Tudo parece vivo e morto como se a vida fosse o fora da morte e a morte o seu dentro, a sua efetivação.

A dessacralização do corpo o torna molecular e experimenta o limite do que o corpo é capaz, no embate entre o movimento e o estatismo. O espetáculo privilegia a lentidão e os momentos de imobilidade. Imobilidade que pode ser também velocidade, mesmo sem sair do lugar. Movimento que se rostifica no corpo e é preciso encontrar linhas, rugas, fissuras, pois não há mais para onde ir. Embora o orgânico não desapareça, o que sobra é puro rosto decodificado, pura cabeça, expressividade de linhas. Cabeças pintadas por Bacon<sup>3</sup> (não rostos). Blocos de carne ambulante. Rostos-

paisagem de Beckett<sup>4</sup>, desviados da corporeidade aprisionadora.

O rosto de Le Roy desterritorializa-se no deserto, na arte, na dança. Maquia-se, transforma-se sem parar e vira puro simulacro. Ao desfigurar o rosto, um corpo sem órgãos<sup>5</sup> é produzido, o rosto torna-se inumano, devir impessoal, expressão de sentido. Na desrostificação, uma persona é criada, mas embora a *persona* possa ter aparentemente a semelhança de uma pessoa ou de um personagem ou até de uma identidade, ela, a persona, é pura simulação. O artista libera-se então do personagem, do sujeito do enunciado, do tempo e do lugar. E no lugar do personagem se produz um tempo invadido por múltiplas vozes, gestos, afetos. Sem centro, sem consciência, vazio de identidade ou interioridade.

Tal *persona* já não possui mais um corpo, mas fragmentos de corpos. Não é mais um corpo ou rosto que se expressa. Sua morfologia é gradualmente submetida a uma série de perturbações que produzem um corpo híbrido, cada vez menos parecido com o corpo humano. Uma desconexão do corpo vai sendo produzida em relação aos gestos habituais estabelecidos ou contraestabelecidos, até atingir uma posição livre do corpo. Mas, ao mesmo tempo em que isso ocorre, há uma relação entre corpo e linguagem, corpo e pensamento que não causa um ao outro, ainda que um coexista com o outro.

São paisagens, marcas na atmosfera que anunciam o espetáculo de Le Roy. Ora o corpo se infiltra na linguagem e o impossibilita, ora a linguagem se insinua no corpo e cessa o movimento ou ainda corpo e linguagem se encontram em uma esquizofrenia bifurcante. E quando um fracassa se depara com uma superfície estriada, um muro diante do qual é necessário retornar. O retorno dá-se para um lugar inesperado, criam-se gestos imprevisíveis, sem referência, nem sujeito. Compõe-se, portanto,

<sup>3</sup> Segundo Deleuze (2007), não há retrato em Francis Bacon, apenas pintura de cabeças. A cabeça é o sem-face, desrostificação.

<sup>4</sup> Para Rocha, o rosto de Beckett aparece em suas obras como um rosto-paisagem. “[...] no embate movimento/estatismo que Beckett vai, pouco a pouco desconstruindo a persona, privando-lhe do rosto clássico e, portanto, da noção também clássica de expressividade”. (2003, p. 161)

<sup>5</sup> Deleuze retoma o conceito de “Corpo sem órgãos”, criado por Antonin Artaud, e o desenvolve, na obra *O Anti-Édipo* (1972), como o campo de imanência do desejo.



uma produção ativa do ser, composição de forças, nomadismos, território povoado de singularidades pré-individuais: intensidades, profundidades, hecceidades.

“[...] Há um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou uma substância. Nós lhe reservamos o nome de hecceidade. Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecceidades, no sentido de que tudo aí é relação de movimento de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e de ser afetado [...]”. (DELEUZE, 1997, p. 47)

Em *Le Roy*, o corpo é um campo de experimentação. Torna-se passional, intensivo, impulsivo, produz diferenciações constantes que o conduzem ao caos, ao acaso. O encontro com o caos faz o corpo exceder de si mesmo. Algo é cavado no corpo e no pensamento para que o caos possa entrar. E como um furacão ou uma vassoura de bruxa, a superfície é liberada, o rosto é desfigurado. Rosto e corpo são desconstruídos e arrastados para uma região a-significante, a-subjetiva, a-rostificada.

O corpo-monstro escapa do rosto territorializado, pois ainda que ocupe um corpo, suas formas são suspensas de todo código. O corpo estético do performer, ao misturar-se com o muro branco – superfície de contenção –, foge da lei da gravidade, das categorias, da legibilidade, da paisagem conhecida e se encontra no abismo, no deserto sem horizonte. *Le Roy* procura criar perturbações na configuração do corpo para abrir novas identidades fragmentadas como vários personagens da mesma pessoa. Contudo, ao metamorfosear sua realidade, livra-se de uma série de operações sobre si mesmo que compõem novos agenciamentos corporais. “Tornar-se é uma transformação da similaridade” – afirma *Le Roy* (2001).

Na medida em que o corpo se rostifica, ele é formatado organicamente servindo a formas pre-determinadas. Funda assim uma territorialidade e adquire existência própria. A expressão do corpo é submetida ao espaço, às luzes, aos elementos significantes. O corpo do performer torna-se legível,

traduzível, fixa-se aos signos do rosto, remetendo à incurável ferida chamada homem. Encontra-se pregado ao muro da significação, enterrado no buraco da subjetividade. Muro onde se inscrevem as determinações, onde o corpo é encaixado, fixado; buraco onde se aloja a consciência, os desejos. A força do performer está no tratamento do destino de seu próprio corpo.

[...] Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo em que der ao significante seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. O sistema buraco negro-muro branco não seria então já um rosto, seria a máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens. Não esperemos que a máquina abstrata se pareça com o que ela produziu, com o que irá produzir. (DELEUZE, 1996, p. 33)

A máquina-corpo funciona sempre produzindo rostos e paisagens, sobrecodificando o corpo nas máquinas identitárias, rostificando a vida numa paisagem clichê, dando uma cara a um território. O espetáculo de *Le Roy* nos provoca a pensar: como escapar do traço, da inscrição, da rostidade que remete a uma redundância significante? Como escapar das instituições que nos rostificam?

Criar implica em perder a identidade, desaparecer, não ser reconhecido. Abandonar o rosto demasiado humano, desfazê-lo libertando as linhas de devir. Furar o muro ou limar o muro, como afirmava Van Gogh. Passar o muro sem ser esmagado por ele, sair do buraco negro ao invés de ficar girando no fundo. Achar um furo que dê acesso ao fora. “Desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade” (DELEUZE, 1996, p. 58). Desconstruir o corpo subserviente e mostrar os corpos desfigurados que se encontram escondidos no figurino diário, num desfile de formas familiares. *Xavier Le Roy* faz malabarismos com os códigos, as convenções, os esteriótipos, faz desvios com o seu corpo suado tornando-o anencéfalo – devir imperceptível. Torna-o um corpo de desejo, menor, molecular, pura matéria de expressão. O que *Le Roy* quer é a deformação, desorganizar a paisagem, encontrar a sensação. Criar novos corpos, novos rostos, corpos sem rosto, rostos desfigurados de si.



## Referências

DELEUZE, Gilles. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4, São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Francis Bacon. A lógica das sensações*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LE ROY, Xavier. *Dossier de présentation du spectacle Self-Unfinished*. Paris, 2001.

ROCHA, Thereza. Estatismo e movimento: uma certa história do corpo contada pelo rosto de Samuel Beckett. In: CALAZANS, J. et al. (Orgs). *Dança e educação em movimento*. São Paulo: Cortez, 2003. p. inicial-final.

## Lista de figuras

Figura 1 – *Self-Unfinished*, Xavier Le Roy. Photos Katrin Schoof. Extraído de: FONTAINE, Gheisa. *Les danses du temps*. Paris : Centre National de la Danse, 2004.

